

O HERÓI NA TETRALOGIA AMAZÔNICA, DE BENEDICTO MONTEIRO

*THE HERO IN TETRALOGIA AMAZÔNICA,
BY BENEDICTO MONTEIRO*

José Guilherme de Oliveira Castro

Universidade da Amazônia (Unama)

Lucilinda Teixeira

Universidade da Amazônia



RESUMO

O artigo retrata a natureza do herói como protagonista de narrativas épicas. Para que se atinja tal objetivo, apresenta-se uma ligeira retrospectiva sobre a arte de criar e de contar histórias, destacando a figura do herói épico. Mostra que a personagem, como força motriz, se torna responsável pelo interesse a ser despertado no leitor, visto que todas as atenções se voltam para o seu desempenho, no processo de desenvolvimento da obra; também salienta o percurso da viagem mágica do herói, como um ser mítico, desde o chamado para a aventura, as diferentes provas que ele deverá cumprir, até o seu retorno com o prêmio, além de destacar a relevância que os mitos têm, nos episódios e a importância dos objetos mágicos, caracterizando o fantástico dos fatos, o que constitui o maravilhoso do texto. Neste caso, o herói escolhido é um caboclo da Amazônia, Miguel dos Santos Prazeres, protagonista da “Tetralogia amazônica”, produzida pelo romancista paraense Benedicto Monteiro.

Palavras-chave: Herói. Épico. Viagem mágica. Maravilhas do mito

ABSTRACT

The paper depicts the nature of the hero as protagonist of epic narratives. It demonstrates that the character, as a driving force, becomes responsible for arousing the reader's interest, since all focus is directed to his performance over the unfolding of the plot. It also highlights the path of the hero's magic journey, from his call to adventure to his return with the reward, in addition to emphasizing the relevance of myths on the events and the importance of magical objects, which engender the marvels in the text.

Keywords: Hero. Epic. Magic journey. Mythic Marvels.

Introdução

A arte de inventar e de criar histórias tem suas origens na Antiguidade. Esse fato folclórico é importante, pois se tornou berço de origem de algumas espécies literárias. Entre essas produções poéticas, merece destaque a epopéia. Acredita-se que, na Grécia antiga, o povo recitava versos de autores desconhecidos, de forma cândida e espontânea.

Eram poemas que narravam acontecimentos reais, porém muito antigos, e que, por tal motivo, foram embelezados pelos mitos. É justamente quando surgem a **Ilíada** e a **Odisséia**, criações poéticas cuja autoria é atribuída a Homero, figura semi-lendária, representado apenas em escultura representando um velho cego.

Os fatos narrados nas epopéias são também marcados pelo heroísmo e destacam a figura de um protagonista chamado herói, como é o caso de Aquiles, na **Ilíada** e de Ulisses, na **Odisséia**. Na concepção da sociedade, essas personagens deveriam ficar marcadas na mente do povo que, além de exaltá-las, transformavam-nas exemplos para a posteridade.

Muitos heróis se fixaram na memória do povo. Além de Aquiles e de Ulisses que simbolizam a coragem e a astúcia dos gregos, podem ser destacados outros protagonistas de epopéias, como: Rolando, representando a juventude do povo francês e Vasco da Gama, a bravura dos portugueses.

Então, a epopéia como espécie literária, a partir do século XIX, praticamente desapareceu. Tal fato remete à concepção do teórico francês Ferdinand Brunetière que, influenciado pela estética do Naturalismo afirma que os gêneros e as espécies literárias nascem, atingem o apogeu, caem na decadência e morrem, isto é, desaparecem. No entanto, teóricos como Benedetto Croce, Jean Suberville e Vítor Manuel de Aguiar e Silva derrubam a teoria de Ferdinand Brunetière e sustentam que os gêneros e as espécies literárias, além de se misturarem, evoluem, gerando novos gêneros e novas espécies.

Neste caso, a epopéia não desapareceu, apenas se transformou em outras espécies, como o romance e, particularmente, aqui no Brasil, na literatura de cordel. Essas produções literárias possuem, na sua estrutura, um eixo narrativo, como também mostram episódios e peripécias vividos

por um herói, figura central da obra. Essa personagem tem características psicológicas e míticas, sempre envolvido em mistérios, como também faz uma viagem mágica. Nesta viagem, o protagonista é chamado para a aventura, mergulha no mundo mítico e percorre o caminho de provas.

Ao terminar a sua jornada, tenha ou não conquistado o seu prêmio, acontecem mudanças em sua personalidade. É este tema que se pretende destacar neste artigo, tomando como exemplo o percurso de Miguel dos Santos Prazeres, protagonista da **Tetralogia Amazônica**, escrita pelo romancista paraense Benedicto Monteiro, composta dos romances: **Verde-vagomundo**, **O minossauro**, **A terceira margem** e **Aquele um**.

No que se refere à metodologia utilizada, deve-se esclarecer que se trata de um estudo bibliográfico aplicado ao texto literário.

Considerações sobre o herói épico

O herói, dentro de uma narrativa, figura como ponto central, responsável pela progressão dos acontecimentos da história. Por tal motivo, Suberville (1948) diz que as produções épicas concentram, no protagonista, todo o interesse que a obra deve despertar no leitor. O teórico francês coloca-o, em primeiro plano, no cenário do texto e, ao mesmo tempo, vai elevá-lo, em relação aos demais figurantes da história. Vale salientar que, em todos os episódios da obra, o herói se defronta com adversários fortes e nobres, que estão a sua altura, mas a supremacia é sempre dele.

Outro escritor que também se preocupa com a natureza do herói, é Durand (1992), afirmando que o nascimento dessas personagens sempre acontece embelezado por uma constelação de mitos, podendo esse fenômeno ser explicado através de dois caminhos: o reforço de uma herança divina ou real, ou a reiteração constante do desdobramento de características.

Neste caso, um herói sintetiza traços de outros heróis da Mitologia e da História. É caso de Miguel dos Santos Prazeres que lembra Apolo, quando lança os fogos, no alto do morro; Moisés, no momento em que recebeu o Decálogo; Cristo, ao ser sacrificado no alto do Gólgota, pois a morte do herói para a vida comum e a sua entrada para o mundo mítico aconteceu no alto do morro que existia, no centro da cidade de Alenquer.

As ideias de Durand encontram apoio nas concepções de Langer (1971), no que se refere à teoria de que as epopéias nacionais ajudam a fixar a mitologia de um povo, disciplinando a imaginação desenfreada da sociedade, para que não deslanche no imaginário popular. Por isso mesmo, no entender da escritora, os heróis épicos agem sob a direção e a motivação de poderes divinos e de efeitos cósmicos, mas, antes de tudo, são seres humanos.

Caillois ([19--?]) também tece considerações sobre o herói, mostrando que essa personagem sempre fornece uma solução feliz ou infeliz para uma determinada **situação mítica**, dentro de uma sociedade. Neste ponto, o posicionamento do escritor se identifica com a teoria de Trousson (1981) de que as situações míticas aparecem num contexto social, em que o herói é o centro do problema.

Para ilustrar suas argumentações, o teórico cita o caso de Édipo, enfatizando que a personagem nunca seria um herói sem os temas da situação, isto é, sem Laíões, sem Jocasta, sem o parricídio, sem o oráculo e sem a maldição de Labdacides.

As considerações de Caillois e de Trousson se complementam com o pensamento de Lukács ([19--?]) de que o herói épico nunca é indivíduo, mas um tipo criado para representar com altivez os anseios de determinada comunidade.

Por isso mesmo, seu comportamento é planificado, conforme a vontade popular. No caso de Miguel dos Santos Prazeres, o caboclo amazônica jurava que a morte física de Miguel era verdadeira, que tinham visto o seu corpo carbonizado, mas outros afirmavam que o herói estava vivo.

Outro teórico que se preocupa em analisar os traços característicos dos heróis épicos é Jean Suberville (1948), quando afirma que são seres:

1º. – de comportamento ambivalente – são capazes de grandes fúrias, mas também podem agir como crianças. Aquiles matou Heitor, atrelou o corpo ao carro do triunfo, deu a volta pela cidade e, quando todos esperavam que entregasse o corpo para os abutres devorarem, deu uma sepultura ao inimigo, como também acompanhou o enterro chorando nos ombros do rei Príamo e da rainha Hécuba. Miguel dos Santos Prazeres era

forte, enfrentava perigos, brigava com assombrações e com a matinta-pereira, mas não queria aprender a escrever o nome para não ficar preso a ninguém.

2º. – super humanos – os heróis são forçados, capazes de realizar grandes façanhas; mandam recados de um lugar para o outro e lutam sozinhos contra exércitos, mágicos e feiticeiras. Miguel enfrenta sozinho a encantaria da Mata-Malassombrada e do Lago Grande.

Pelo que se pode detectar das considerações dos teóricos supracitados, o herói, aparece como centro de interesse de qualquer narrativa épica, fruto de um contexto social, pois o próprio grupo a que a personagem pertence, anula a sua personalidade individual e cria um novo ser que age de acordo com os anseios e com as necessidades dessa comunidade.

MIGUEL DOS SANTOS PRAZERES – a viagem mágica do herói

Miguel o herói das quatro narrativas que compõem a “Tetralogia amazônica” – “Verde-vago-mundo”, “O minossauro”, “A terceira margem” e “Aquele um”, um fio condutor que une outras personagens e vários episódios, no decorrer das narrativas. Neste caso, relacionando a figura de Miguel com as teorias dos escritores supracitados, percebe-se que a personagem vai se tornar o tipo ideal para a sociedade alenquerense transfigurar com um ser mítico, satisfazendo a sua imaginação. Torna-se um ídolo popular, envolvido por mitos e credences.

Müller (1995) afirma que o herói representa o modelo do homem criativo e corajoso para ser fiel a si mesmo e aos seus desejos, à sua fantasia e às suas próprias concepções de valor, atrelando-se a viver a vida em vez de empreender uma fuga. O escritor ainda destaca que o **ente heroico** supera o medo diante do estranho, do desconhecido e do novo.

Então, pode-se dizer que um herói mítico não se acovarda diante de novas situações, quando sua coragem é posta à prova e até mesmo quando tem de descer às profundezas do mundo ctoniano para cumprir sua missão. Neste aspecto, as ideias de Müller vão se coadunar com o pensamento de Campbell (1994), quando diz que a vida e a jornada de do herói estão condicionadas ao fa-

tor tempo. Então, conclui-se que o herói vai conquistando o seu espaço e vencendo suas tarefas, mas condicionado à passagem do tempo.

Pode-se, então, dizer que as teorias de Müller e de Campbell complementam tudo que foi dito, anteriormente, acerca do ente heróico, caracterizando-o como um ser corajoso, aventureiro e destemido que derruba os obstáculos, quando percorre o seu caminho de provas, e ainda tem as suas ações padronizadas pela ideologia da comunidade a que pertence.

Deve-se também destacar a importância das personagens antagonistas que contribuem para a elevação do herói, confirmando os posicionamentos de Trousseau e de Cavaliere (1990), quando a escritora declara que o protagonista, dentro do seu grupo social, sempre repara ou responde à ação de um agressor.

Neste caso, Miguel dos Santos Prazeres, como herói da **Tetralogia amazônica**, vai apresentar na sua constituição, uma síntese desses traços característicos apresentados pelos teóricos citados, anteriormente, bem como reage à agressão sofrida, por parte do coronel do Exército, que desejava prendê-lo como subversivo:

O senhor me desculpe, seu Major, me perdoe, mas eu não posso obedecer o Coronel. Nem que ele fosse General ou Marechal, isso era impossível! Por que eu não posso quebrar o encanto do meu sonho, a promessa do meu ritmo, a força da minha vontade, o amor da minha liberdade, isso eu não posso perder nem quebrar (VERDE-VAGOMUNDO, p. 197).

Então, Miguel cumpriu, não somente a sua palavra, mas também seguiu o caminho indicado para a sua transfiguração em herói mítico. Desobedeceu ao coronel do Exército e foi para cima do único morro que havia, no centro da praça da cidade de Alenquer, e soltou, de uma vez, todos os fogos que havia confeccionado para as nove noites da festa de Santo Antônio.

Tal fato confirma o pensamento de Isidoro Alves (1993), quando diz que entre as populações interioranas, pagar uma promessa, é saldar um compromisso previamente estabelecido, não somente por uma graça alcançada, mas também porque, nos rituais religiosos, a coletividade se expressa através da devoção ao santo padroeiro. Neste caso, Miguel cumpriu sua palavra, mas também transfigurou sua vida:

Me alembro do dia em que nasci de novo. Renasci. Renasci do fogo. Isso eu me alembro. Desse dia, ou melhor, dessa noite, eu me alembro como se fosse hoje. Eu me alembro também que era de cima de um morro, um morrote. Era o único morrote no meio daquele mundo (O MINOSSAURO, p.15).

As palavras de Miguel remetem ao pensamento de Eliade (1992), ao se referir que toda criação humana tem como modelo exemplar a cosmogonia, e a parte importante de um espaço sagrado é aquela que aponta para o Céu.

Neste caso, a personagem buscou refúgio no único morro existente na cidade, justamente no **umbigo** do território, protegendo-se dos adversários que desejavam a sua prisão como subversivo e, conseqüentemente, iriam impedir o espetáculo pirotécnico, o grande sonho de Miguel.

Tal fato evoca a simbologia do morro, remetendo à história de outros heróis bíblicos, como: Jesus Cristo, flagelado e morto, no alto do Gólgota ou Moisés, no Monte Sinai, recebendo o Decálogo:

Estas palavras pronunciou o Senhor a toda a nossa multidão, no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridade, com uma voz forte, sem ajuntar mais nada: e as escreveu em duas tábuas de pedra, que me entregou (Dt – 5, 15-22).

No entanto, Miguel também pode se aproximar de outros heróis da Mitologia, como: Prometeu que roubou o fogo sagrado de Zeus para dar vida aos seus bonecos de barro, ou ainda de Apolo – o exímio arqueiro que, com suas flechas, destruiu a serpente Píton. Neste caso, o herói amazônida também estava aniquilando um monstro – o poder dos opressores, representado pelo coronel do Exército que não queria deixá-lo pagar sua promessa, cumprir com a sua palavra.

Analisando o comportamento de Miguel, de se dirigir ao ponto culminante do morro de Alenquer, e ali soltar todos os foguetes, a ponto de ser dado como morto, pode-se considerá-lo vítima e oficiante de um sacrifício. No entanto, naquele momento, Miguel dos Santos Prazeres decretou a sua liberdade de toda a opressão que o sufocava, mas também aconteceu o seu renascimento para outra vida, para um mundo novo, embelezado pelos mitos, criados dentro da comunidade:

...Já perdi a conta de tantas lendas. Virei som de trovoadas, capricho de correnteza, rebojo de remanso forte, zoadas de mata escura, grito de coruja, canto de pássaro invisível, imagem na beira do lago, sombra de capo vasto, caçador de caça arisca (O MINOSSAURO – p. 126).

Conforme se detecta, nas palavras do caboclo, ele mesmo se considera um mito. O fato é que Miguel, depois do episódio do incêndio, se transfigurou num ser sagrado, hierofanizado pela sua comunidade. Pode-se dizer que o fogo purificou a personagem para que tivesse a permissão de ultrapassar o limiar, adentrando em outro mundo, cheio de mistério e de encantamento.

Joseph Campbell (1994) diz que o herói, quando obedece ao chamado da aventura, vence o guardião da porta do limiar que pode ser um dragão, uma serpente ou um mago cruel, momento em que transpõe a linha que separa o mundo real do mundo mítico. Após essa transposição é jogado em um lugar desconhecido, em uma dimensão de renascimento, simbolizada pelo retorno ao útero materno ou da entrada no ventre da baleia.

Neste lugar, deverá cumprir o chamado “caminho de provas”, tarefas que comprovarão a sua coragem, a sua audácia, a sua força. Neste caso, Miguel atendeu ao chamado da aventura, desejando confeccionar os fogos para a festa de Santo Antônio; venceu o coronel do Exército – o guardião do limiar, bem como foi jogado no “ventre da baleia”.

Pode-se então afirmar que a personagem reatualiza vários heróis, como: a Jonas, na Bíblia Sagrada; Orfeu, quando desceu o Inferno, em busca de Eurídice, ou Psique, obrigada por Vênus a executar uma série de tarefas, a fim de comprovar o seu amor por Cupido.

No decorrer da sua jornada, Miguel será obrigado a cumprir tarefas das quais ele não pode fugir:

3.1 – a luta contra o cavalo Precipício – um cavalo negro, feroz, causador da morte do pai de Miguel. Esse animal é representado, na epopéia, uma entidade do mundo ctoniano, um monstro das trevas. Por isso mesmo, o herói luta contra o ser enraivecido, cheio de maldade, encurralando-o em um incêndio na floresta. Tal episódio contribui para que a personagem

cada vez mais se transfigure em um herói mítico.

3.2 – a travessia da Mata-Malassombrada – um lugar misterioso, cheio de duendes e de encantos, de silvos e de barulhos esquisitos, fazendo com que Miguel se perdesse no tempo e no espaço: **“Mas eu mesmo não sei contar o tempo que gastei e o tanto que andei pra varar aquela mata-malassombrada”**. (O MINOSSAURO – p.121). No entanto, a personagem, quando se vê envolvido naquela parafernália, em um cenário em que sons e imagens fantasmagóricas se misturam, constituindo um caos, enfrenta todos os obstáculos e age como um autêntico herói, pois vence a negridão da noite com o seu **terçado 128: “Puxei a arma da baina e dei uma terçadada na noite. Foi uma lambada no escuro. Cortou folhas, cortou galhos e cipós. Cravou no âmago de uma árvore a pura lâmina”** (O MINOSSAURO – p.122).

Neste episódio, pode-se dizer que a atitude de Miguel se assemelha aos atos de um herói solar (DURAND, 1992), destemido e cheio de valentia, pois diante do perigo que a mata representava, não se intimidou, preferindo enfrentar os obstáculos: “Atravessei a mata, atravessei a mata, mas ficou a lenda. Em mim – tomara o senhor veja – ficou a marca. Conto o milagre, mas não conto o Santo” (O MINOSSAURO – p.122).

3.3 – a travessia do Lago Grande – também, em uma noite misteriosa e escura, Miguel enfrenta a fúria das águas do Lago Grande. É, justamente, quando se encontra com outros seres sobrenaturais, como o boto e a cobra-grande, o que ainda mais acentua a presença do maravilhoso, nas narrativas:

Agora o que contam eu não garanto. Também não sei lhe dizer como passei do meio do rio para o meio do lago. Isso que dizem que o boto me conduziu por um canal que passa por baixo da ilha de Itamaracá, feito pela cobra grande viajando pelo fundo, isso eu não garanto. E o fôlego? O tempo? A consciência? Fiz a minha viagem. Da racha da terra caída só sei que boiei no meio da noite. Depois, o resto do trajeto percorrido, deixo por conta do boto (O MINOSSAURO – p.125).

3.4 – a geração da prole – Miguel, como todo ser mitizado, tem que cumprir várias missões. Uma delas é gerar sete filhos, com sete mulheres diferentes: uma cabocla – João Marreca; uma japonesa - Zé Ito; uma portuguesa - Joaquim Fogueteiro; uma nordestina – Naurício; uma turca – Calilo; uma negra - Benedito e uma índia, o filho sem nome.

Em todos eles, deixou um traço da sua personalidade. Mas, em todos os rapazes, aparece um traço comum, que o próprio herói faz questão de enfatizar – o ideal de liberdade. Todos os filhos do herói lutam para serem livres, dentro da sociedade, sem qualquer compromisso.

Neste caso, um detalhe que chama atenção, no ato de geração da prole, é que ela se constitui de sete filhos e **sete** é um número cabalístico, símbolo universal de uma totalidade em movimento ou de um dinamismo total, como aparece no **Apocalipse** de São João:

Eu vi sete anjos que estavam de pé diante de Deus e lhes foram dadas sete trombetas (apc. III – 2).

São sete filhos e também são sete provas, pois nas conquistas das sete mulheres, há sempre um ritual. Neste caso, merece destaque a concepção de Calilo, que o herói fez com a turca Latife, conhecida com uma mulher forte, que derrubava homem em queda de braço. Antes, Miguel enfrentou burro bravo, tomou grande quantidade de cachaça e disse para o turco, pai de Latife – **Agora, quero a minha novilha** – vaca nova que ainda não pariu (Aulete, 1965). Neste caso, o próprio nome Latife lembra luta. Mais tarde, Miguel vai enfrentar uma luta sexual com a mulher, na cama, justamente quando faz o filho Calilo.

Após o cumprimento das provas, o herói chega a sua suprema provação, a sua prova glorificante. Isso vai acontecer na água, no meio de um rio. Chega um determinado momento em que o herói larga tudo: amigos, negócios, trabalhos, como se fosse um dos discípulos que seguiram o Mestre. Então, atira-se rio adentro, como se buscasse algo que ele mesmo não sabe. Depois de muita chuva de muitos raios e de muitos relâmpagos, Miguel chegou a um lugar diferente:

Foi aí que me perdi na pura claridade. Era quase claridade do verde, da água, da noite e do silêncio. Pensei que era a morte, que eu estava morto. Pensei bem no

funfo. Mas nesse mesmo instante, nesse justo e exato momento, foi que a água e o céu se abriram e surgiu uma praia branca. Muito branca. Todos os verdes e todas as cores se resumiram naquela praia. E não tinha princípio nem fim: era uma distância. Era quase também uma margem... mas outra margem... (A TERCEIRA MARGEM, p.189).

Após todo o transtorno da tempestade, episódio que, na teoria de Joseph Campbell (1994), caracteriza a **crise típica do nadir** - um cataclisma, uma tempestade ou qualquer turbulência que ponha à prova a coragem do herói, Miguel está pronto para alcançar o prêmio por sua aventura, iniciada no alto de morro, no centro da praça de Alenquer, quando incendiou todos os fogos da festa de Santo Antônio de uma única vez. A cólera das águas representou o trabalho glorificante da personagem, consagrando-a para sempre, no mundo mítico.

Então, é o momento de receber a recompensa que, geralmente, nas narrativas infantis, é o casamento do príncipe com a princesa. No entanto, na **Tetralogia Amazônica**, é a chegada a esta praia misteriosa que lê chama de **terceira margem**.

A leitura do episódio revela que a praia surgiu misteriosamente, pois Miguel vinha enfrentando uma tempestade, em noite fechada, e, de repente, a água e o céu se abriram, fazendo a personagem deslumbrar um novo cenário, atingido somente por aqueles que se purificaram e se modificaram, tornando-se dignos de adentrar naquele Paraíso.

Provavelmente, Miguel chegou ao **Nirvana** – região luminosa e livre de toda perturbação, desenhada das nódoas das paixões, de essência suprema, só existindo para aqueles que, desejando a libertação, querem ver desaparecer as dores infinitas e obter a felicidade da iluminação (CHEVALIER & GHERBRANT, 1994). Pode-se, então, dizer que esta terceira margem simboliza a felicidade, a paz, a liberdade plena, ideal por que sempre Miguel lutou, não somente para si, mas também para todos os seus descendentes.

Ao falarmos sobre Miguel dos Santos Prazeres como herói mítico, detecta-se a presença do mistério no próprio nome da personagem, pois **Miguel** é um arcanjo glorioso da Bíblia Sagrada, cujo nome significa **Quem como Deus**; o sobrenome **Santos** remete à devoção que a personagem tinha com diversos santos, como São Jorge,

também um santo conhecido como herói e guerreiro e também com Santo Antônio; **Prazeres** lembra que Miguel era amante dos prazeres do mundo, principalmente o sexual.

Além de tudo isso, um tópico que merece destaque é que a aventura de Miguel começa com o **fogo**, elemento masculino, quando a personagem provoca um incêndio, no alto do morro e termina na **água**, elemento feminino, momento em que o protagonista enfrenta a fúria das ondas do rio. Portanto, após essa análise da trajetória de Miguel dos Santos Prazeres, chega-se à conclusão de que esse herói foi gerado para o mundo mítico, da união de duas forças opostas que se atraíram: **o fogo e a água**:

FOGO _____ ÁGUA

MIGUEL

Considerações finais

A leitura dos episódios que retratam as façanhas de Miguel dos Santos Prazeres presentes, “Tetralogia amazônica”, sugere que:

1º. Miguel dos Santos Prazeres é um herói mítico, criado pelas crenças do povo da cidade de Alenquer, visto que muitos diziam que Miguel havia morrido no incêndio, no alto do morro. Juravam até que viram o seu corpo carbonizado. Outros afirmavam que o cabo-clo havia se salvado e que estava se aventurando em outras cidades.

2º. Miguel se aproxima de outros heróis da Mitologia, como Apolo e Júpiter; da História, como Tiradentes, porque assumiu sozinho a confecção dos fogos para a festa de Santo Antônio, apesar de estar sendo acusado de subversão; da Bíblia, como Jesus Cristo que morreu, no alto do Gólgota e ainda Moisés, quando recebeu os Dez Mandamentos. Podemos ainda associá-lo a São Miguel Arcanjo, que venceu os anjos maus com a sua espada,

e Miguel vencida tudo com o seu terçado 128. Além desses heróis, não se pode deixar de compará-lo com o ser um mitológico de grande relevância no folclore amazônico – o boto, pois, em alguns episódios, Miguel usa a sua astúcia para seduzir as mulheres, surgindo da água, como aconteceu com a mãe de João Marreca.

3º. Outras personagens também representam heróis da Mitologia. É o caso de Padrinho Possidônio, que desejava fazer de Miguel o maior cangaceiro da Amazônia, com direito a literatura de cordel. Esse nordestino, cheio de crimes nas costas, que deixou uma pequena fortuna para o herói, fruto de seus crimes, lembra o deus Poseidon dos gregos, deus das turbulências.

4º. Se Padrinho Possidônio é a figura do mal, Miguel representa o bem. Por tal motivo, o protagonista estava confeccionando os fogos com o dinheiro deixado pelo cangaceiro nordestino. Queria queimar aquele dinheiro ganho com a prática de crimes encomendados e assim purificar a alma de Possidônio. Isso comprova a importância do fogo, dentro das narrativas como elemento purificador.

5º. Miguel, como fio condutor das quatro narrativas que compõem a Tetralogia Amazônica, se transforma em força máxima, no desenrolar dos episódios, o centro para onde se concentram todas as atenções do leitor. Isso confirma a teoria de Jean Suberville quanto ao papel do herói, nas narrativas heróicas.

6º. Miguel, após cumprir todas as provas, está pronto para receber o seu prêmio como um autêntico herói solar – aquele que realmente recebe a sua recompensa, contrário do herói lunar, que, na maioria das vezes, faz uma renúncia dos seus direitos. Neste caso, o cabo-clo alenquerense chega à Terceira Margem, que pode simbolizar um estado de espírito, de pureza, visto que o protagonista inicia a sua viagem com uma determinada estrutura psicológica, mas, no decorrer da história, vai-se modificando, transformando a sua vida e assim fica pronto para um retorno digno de um herói.

Referências

- ALVES, Isidoro. *Promessa é dívida*. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 1993. Tese de Doutorado. Mimeo.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Delta, 1965.
- BÍBLIA. Português. Tradução do PE Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Barsa, 1974.
- CAILLOIS, Roger. *O mito e o homem*. Tradução de José Calisto dos Santos. Lisboa: Edições 70, [19--?].
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Associação Pala Athena, 1994.
- _____. *O herói das mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobrel. São Paulo; Cultrix/Pensamento, 1994.
- CAVALIERE, Arlete. *O nariz e a terrível vingança/ Nicolai Gogol. A magia das máscaras*. São Paulo: EDUSP, 1990.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- DURAND, Gilbert. *Figures mythiques et visages de l'oeuvre (de la mythocritique à la mythoanalyse)*. Paris: Dunod, 1992.
- _____. *Lês structures anthrpologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod, 1992.
- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Tradução de José Antônio Ceschim. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- _____. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LANGER, Susanne K. *Filosofia em nova chave*. Tradução de Janete Meiches e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, [19--?].
- MÜLLER, Lutz. *O herói: todos nascemos para ser heróis*. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1968.
- SUBERVILLE, Jean. *Théorie de l'art e des genres littéraires*. Paris: Éditios de l'École, 1948.
- TROUSSON, Raymond. *Thèmes et mythes. Questions de méthode*. Bruxelles: Université de Bruxelles, 1981.
- José Guilherme de Oliveira Castro
Mestre em Letras (PUC-RS). Doutor em Letras (PUC-RS). Professor de Cultura Brasileira da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor titular VI da Universidade da Amazônia (Unama).
zevone@superig.com.br
- Lucilinda Ribeiro Teixeira
Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Membro do corpo editorial da Revista Asas da Palavra (UNAMA). Membro do corpo editorial da Revista Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais - V.3 - Semiótica. Professora Titular da Universidade da Amazônia
lucilind@uol.com.br

Recebido em 08/05/2010.

Aprovado para publicação em 02/09/2010.